

**REFLETINDO SOBRE O DISPOSITIVO CLÍNICO DO ACOMPANHAMENTO
TERAPÊUTICO (AT) NA CLÍNICA DE FISIOTERAPIA DA UNIVERSIDADE
CRUZEIRO DO SUL – CAMPUS SÃO MIGUEL PAULISTA**

Autor: PEREIRA, Maria Lucimar de Oliveira
Brasil

**Eixo temático: A TÉCNICA DO AT EM SEUS DIVERSOS CAMPOS DE
ATUAÇÃO**

Link: <https://youtu.be/YMsNjZUcHIA>

RESUMO

O Acompanhamento Terapêutico (AT) é uma prática que surgiu a partir do movimento da reforma psiquiátrica na Europa e nos Estados Unidos na década de 60 e posteriormente na Argentina e no Brasil que, entre outras conquistas, apontou para a violência e ineficácia das formas segregativas que permeavam o tratamento de pessoas com transtornos mentais.

Vimos que anos após a reforma psiquiátrica no Brasil, o Acompanhamento Terapêutico surge como uma forma de atender indivíduos com diversas demandas que vão além dos transtornos psiquiátricos. Por exemplo, considerava-se “louco” todo aquele que possuía uma conduta diferente do que era aceito socialmente, e com isso, pacientes com comprometimentos neurológicos eram considerados como tal. Nos dias de hoje ainda observamos o estereótipo imposto pela sociedade que coloca um indivíduo com determinada agressividade, dificuldade de comunicação verbal e, no caso das crianças, com dificuldades de adaptação escolar (fatores decorrentes de limitações neurológicas), dentro desse estereótipo. Ou seja, aquele que irá ferir a “ordem social” por não estar dentro dos parâmetros considerados normais para a população.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar o quanto o Acompanhamento Terapêutico é conhecido pela equipe de estagiários e funcionários da Clínica de Fisioterapia da Universidade Cruzeiro do Sul – Campus São Miguel, e o quanto essa modalidade clínica poderia compor o atendimento a pacientes acometidos por questões neurológicas, tendo como eixo teórico a literatura sobre AT¹ a partir da psicanálise Winnicottiana e pressupostos da neuropsicologia.

Palavras-chaves: saúde mental, inclusão social e pacientes com comprometimentos neurológicos.

¹ AT: Acompanhamento Terapêutico

1. Introdução

A prática de acompanhamento terapêutico nasce justamente quando são questionados os dispositivos de saúde mental. O acompanhante terapêutico busca intervir junto ao acompanhado no mundo que o cerca (cultural, familiar, educacional e afetivo). Trata-se de um trabalho pensado e elaborado junto aquele que o procura considerando suas necessidades físicas e emocionais.

É uma modalidade clínica que está em construção, e nesse contexto, a literatura a respeito do tema ainda precisa ser mais desenvolvida através de pesquisa e práticas nesse campo (PITIÁ; SANTOS, 2005). Ainda hoje há poucos relatos teóricos a respeito do AT realizado com pacientes acometidos por doenças neurológicas.

Deste modo, a presente proposta busca analisar e refletir junto ao corpo de estagiários e funcionários da Clínica de Fisioterapia da Universidade Cruzeiro do Sul – Campus São Miguel sobre o quanto a prática do acompanhamento terapêutico pode ser introduzida para compor a assistência especialmente a esses pacientes descritos acima, vislumbrando um cuidado à saúde mental à medida que poderá ajudá-los no convívio com outros, diminuindo, muitas vezes, o estigma e o isolamento.

O acompanhante busca estabelecer uma ação que irá para além do enquadre em consultório (clínica-médico), levando esse paciente a um melhor convívio social através de diversificadas formas de intervenção. (SILVA; SILVA, 2006).

Inicialmente o acompanhante trabalhava apenas com o intuito de estar junto ao sujeito, circulando por poucas áreas, mas hoje busca uma melhor integração em todos os meios que o acompanhado vive, o que leva o AT a ser não só um dispositivo que serve para a adaptação do sujeito, mas também que possui outras funções benéficas ao paciente. (SILVA; SILVA, 2006).

Potencializar o trabalho de AT dentro de uma clínica universitária que atende pacientes acometidos por doenças neurológicas, permite que esses

indivíduos possam estabelecer um melhor vínculo consigo mesmos e com o mundo ao seu redor. Vínculo este que vai além do contato com a equipe de saúde presente na clínica-escola.

2. Objetivo

O objetivo do trabalho é verificar até que ponto a modalidade de AT é conhecida em um serviço de atenção à saúde de pacientes acometidos por comprometimentos neurológicos, no caso a clínica-escola de Fisioterapia da Universidade Cruzeiro do Sul – Campus São Miguel, e o quanto esse serviço se dispõe a receber e entender essa clínica do AT também como parte fundamental para ajudar no processo de reabilitação, especialmente na ampliação dos vínculos sociais e afetivos da criança, do adolescente ou do adulto. Justamente porque o Acompanhamento Terapêutico é uma intervenção clínica que se propõe a auxiliar no resgate da autonomia promovendo maior integração familiar, social e educacional.

3. Referências

PITIÁ, A. C. de A.; SANTOS, M.A. dos. **Acompanhamento Terapêutico: A construção de uma estratégia clínica.** São Paulo: Vetor, 2005.

SILVA, Alex Sandro; SILVA Rosane Neves. A Emergência do Acompanhamento Terapêutico e as Políticas de Saúde Mental. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, p.210-221, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a05.pdf>> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

**Eje temático: LA TÉCNICA DEL AT EN SUS VARIOS CAMPOS DE
ACTUACIÓN**

**Título del trabajo: REFLEXIÓN SOBRE EL DISPOSITIVO
CLÍNICO DEL ACOMPAÑAMIENTO TERAPÉUTICO (AT) EN LA
CLÍNICA DE FISIOTERAPIA DE LA UNIVERSIDAD CRUZEIRO
DO SUL - CAMPUS SÃO MIGUEL PAULISTA**

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ACOMPANHAMENTO
TERAPÊUTICO

UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL

Curso de Psicología

**REFLEXIÓN SOBRE EL DISPOSITIVO CLÍNICO DEL
ACOMPAÑAMIENTO TERAPÉUTICO (AT) EN LA CLÍNICA DE
FISIOTERAPIA DE LA UNIVERSIDAD CRUZEIRO DO SUL -
CAMPUS SÃO MIGUEL PAULISTA**

RESUMEN

El Acompañamiento Terapéutico (AT) es una práctica que surgió a partir del movimiento de la reforma psiquiátrica en Europa y Estados Unidos en la década de 60 y posteriormente en Argentina y Brasil que, entre otras conquistas, apuntó a la violencia e ineficacia de las formas segregativas que permeaban el tratamiento de personas con trastornos mentales.

Hemos visto que años después de la reforma psiquiátrica en Brasil, el Acompañamiento Terapéutico surgió como una forma de atender a personas con diversas demandas que van más allá de los trastornos psiquiátricos. Por ejemplo, se consideraba "loco" todo aquel que poseía una conducta diferente de lo que era aceptado socialmente, y con eso, los pacientes con comprometimiento neurológicos eran considerados como tal. En los días de hoy todavía observamos el estereotipo impuesto por la sociedad que coloca a un individuo con determinada agresividad, dificultad de comunicación verbal y, en el caso de los niños, con dificultades de adaptación escolar (factores derivados de limitaciones neurológicas), en ese estereotipo. O sea, aquel que

va a herir el "orden social" por no estar dentro de los parámetros considerados normales para la población.

En esta perspectiva, el presente trabajo tiene como objetivo analizar cuánto el Acompañamiento Terapéutico es conocido por el equipo de funcionarios de la Clínica de Fisioterapia de la Universidad Cruzeiro do Sul - Campus São Miguel, y cuánto esa modalidad clínica podría componer la atención a pacientes acometidos por cuestiones neurológicas, teniendo como eje teórico la literatura sobre AT a partir de la psicanálisis Winnicottiana y los conceptos de la neuropsicología.

Palavras-chaves: salud mental, inclusión social y pacientes con comprometimiento neurológico

4. Introducción

La práctica del acompañamiento terapéutico nace justamente cuando se cuestionan los dispositivos de salud mental. El acompañante terapéutico busca intervenir junto al acompañado en el mundo que lo rodea (cultural, familiar, educativo y afectivo). Se trata de un trabajo pensado y elaborado junto a aquel que lo busca, considerando sus necesidades físicas y emocionales.

Es una modalidad clínica que en construcción, y en ese contexto, la literatura acerca del tema aún necesita ser más desarrollada a través de investigación y prácticas en ese campo (PITIÁ, SANTOS, 2005). Aún hoy, hay pocos relatos teóricos acerca del AT realizado con pacientes acometidos por enfermedades neurológicas.

Por eso, la presente propuesta busca analizar y reflexionar junto al cuerpo de funcionarios de la Clínica de Fisioterapia de la Universidad Cruzeiro do Sul - Campus São Miguel sobre cuánto la práctica del acompañamiento terapéutico podrá ser introducida para componer la asistencia especialmente a esos pacientes descritos, vislumbrando un cuidado a la salud mental a medida que podrá ayudarlos en la convivencia con otros, disminuyendo el estigma y el aislamiento. El acompañante busca establecer una acción que irá más allá del encuadre en consultorio (clínica-médico), llevando a ese paciente a una mejor convivencia social a través de diversas formas de intervención. (SILVA, SILVA, 2006).

Inicialmente el acompañante trabajaba sólo con el propósito de estar junto al sujeto, circulando por pocas áreas, pero hoy busca una mejor integración en todos los medios que el acompañado vive, lo que lleva al AT a ser no sólo un dispositivo que sirve para la adaptación del sujeto, pero también que tiene otras funciones benéficas al paciente. (SILVA, SILVA, 2006). Potencializar el trabajo de AT en una clínica universitaria que atiende a pacientes acometidos por enfermedades neurológicas, permite que esos individuos puedan establecer un mejor vínculo consigo mismos y con el mundo a su alrededor. Vínculo este que va más allá del contacto con el equipo de salud presente en la clínica-escuela.

5. Objetivo

El objetivo del trabajo es verificar hasta qué punto la modalidad de AT es conocida en un servicio de atención a la salud de pacientes acometidos por comprometimientos neurológicos, en el caso la clínica-escuela de Fisioterapia de la Universidad Cruzeiro do Sul - Campus São Miguel, y cuanto este servicio se dispone a recibir y entender esa clínica del AT también como parte fundamental para ayudar en el proceso de rehabilitación, especialmente en la ampliación de los vínculos sociales y afectivos del niño, del adolescente o del adulto, porque el Acompañamiento Terapéutico es una intervención clínica que se propone a auxiliar en el rescate de la autonomía promoviendo mayor integración familiar, social y educativa.

6. Referencias

PITIÁ, A. C. de A.; SANTOS, M.A. dos. **Acompanhamento Terapêutico: A construção de uma estratégia clínica.** São Paulo: Votor, 2005.

SILVA, Alex Sandro; SILVA Rosane Neves. A Emergência do Acompanhamento Terapêutico e as Políticas de Saúde Mental. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, p.210-221, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a05.pdf>> Acesso em 27 de janeiro de 2015.